

**ASSOCIAÇÃO DOS DIPLOMADOS
DA ESCOLA SUPERIOR DE
GUERRA**

OTTO DE BRITO GUERRA

O Desenvolvimento a Serviço do Homem

316.42

G963d

1973 / Ex.01

F000182

IMPrensa UNIVERSITÁRIA. NATAL. JAN. 73

FARN

ASSOCIAÇÃO DOS DIPLOMADOS
DA ESCOLA SUPERIOR DE
GUERRA

OTTO DE BRITO GUERRA

O Desenvolvimento a Serviço do Homem

IMPrensa UNIVERSITÁRIA. NATAL. JAN. 73

FARN

AB-21-664

F
316.42
G963d
1973

FARN
BIBLIOTECA
Nº Reg. F000182
02 / 05 / 05

CURRICULUM VITAE

CURSO SUPERIOR:

- Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Recife, em 1933.

MAGISTÉRIO DE 2.º GRAU

- Foi professor de Ensino Médio (Geografia, Direito Fiscal, Direito Comercial e Direito Usual) em várias Escolas de Comércio de Natal.

MAGISTÉRIO SUPERIOR:

- Professor fundador da Escola de Serviço Social de Natal, hoje da Universidade Federal, onde ensinou Sociologia, de 1945 a 1969. Também ministrou cursos de Doutrina Social da Igreja, Economia Política e Direito do Trabalho.
- Professor fundador da Faculdade de Filosofia de Natal, lecionando Geografia Humana e depois Sociologia.
- Professor fundador da Faculdade de Sociologia da Fundação José Augusto, lecionando Sociologia Geral e Especial.
- Professor fundador da Faculdade de Direito da Universidade Federal, onde leciona Direito Civil.
- Vice-Diretor e depois diretor da Faculdade de Direito
- Vice-Reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte por duas vezes.
- Integrou os diferentes Conselhos Superiores da Universidade.

OUTROS CARGOS E FUNÇÕES:

- Chefe do Gabinete do Interventor Federal Mário Câmara, de 1933 a 1935.
- 2.º Promotor Público da Comarca de Natal.
- Delegado Seccional do Serviço Nacional de Recenseamento.

- FARIN
- Consultor Jurídico e depois Diretor do Departamento das Municipalidades do Rio Grande do Norte.
 - Procurador Geral do Estado do governo Dix-Sept Rosado.
 - Diretor do Departamento Estadual de Reeducação e Assistência Social.
 - Membro da Comissão Elaboradora do projeto de Carta Constitucional para o Estado, em 1945.
 - Presidente da Junta Governativa da ANCAR-RN.
 - Advogado militante, inscrito na OAB, seção do Rio G. do Norte.
 - Jornalista profissional.

CURSOS E CONGRESSOS:

- Curso de extensão universitária sobre Elaboração de Trabalhos Científicos. Participação no 5.º Seminário de Planejamento Familiar, promovido pela Benfam. Curso sobre Teologia das Realidades Terrestres, em 1971. Curso de Atualização em Comunicação, promovido pela Universidade. Curso sobre Cooperativismo. Participação em Semanas Ruralistas.

TÍTULOS E CONDECORAÇÕES:

- Membro da Academia Norte Riograndense de Letras, Sócio do Instituto Histórico e Geográfico do Rio G. do Norte, membro da Sociedade Brasileira de Estatística, Sócio da ADESG, delegacia do Rio G. do Norte, sócio do Instituto dos Advogados do Rio G. do Norte, Consultor da Pontifícia Comissão de Comunicações Sociais com sede em Roma, Comendador da Ordem de São Gregório Magno, do Vaticano.

TRABALHOS PUBLICADOS

- Notas em torno do Direito de Família — A República Natal.
- A família e suas transformações — Revista "Limiar" Rio
- Divórcio e Reajustamento Familiar - A Ordem - Natal.
- Direito e Evolução da Biologia — UFRN — 1971
- Bispo, Bispado — verbete no vol. 6.º do Dicionário Enciclopédico do Direito Brasileiro, sob direção de Carvalho Santos e Aguiar Dias, Rio.
- A Constituição Federal e a discriminação de rendas — A República — Natal.
- Um juiz do Império — Elogio do patrono na Academia Norte Riograndense de Letras — Revista da Academia.
- A Batalha das Sêcas — A Ordem — Natal.
- Inumeras conferencias e artigos de jornais.

S U M Á R I O

1. INTRODUÇÃO
2. CONHECER O HOMEM
3. INTERVENÇÃO NA REALIDADE
4. RÍTMOS DIVERSIFICADOS
5. HOMEM, OBJETO FINAL
6. SEGURANÇA E DESENVOLVIMENTO
7. O MODELO BRASILEIRO
8. NOSSOS RECURSOS HUMANOS
9. EXEMPLO DO BRASIL
10. CONCLUSÕES

1. INTRODUÇÃO

Ocorrem na história da humanidade problemas e teorias de natureza transitória, que tiveram seus momentos de fastígio, caindo, mais tarde, no esquecimento, maior ou menor. Enquanto isso, outros jamais perdem atualidade.

No campo das ciências aplicadas, por exemplo, muita coisa foi sendo abandonada, no correr dos tempos, porque um melhor conhecimento dos fatos veio demonstrar o obsoletismo de determinadas práticas, ou de certas teorias, que ficaram ultrapassadas. É só compulsar a história do direito, da economia, da medicina, da psicologia, e assim por diante.

Nem é para menos, por dois motivos, pelo menos. O primeiro é que à ciência, na expressão de POPPER, não se pede uma "certeza definitiva", o que não lhe tira o valor extraordinário e fundamental, sobretudo para os nossos tempos. E o segundo é justamente o fato dessa verdadeira revolução científica, em que nos achamos, bastando recordar que cerca de 90 por cento de todos os cientistas que já existiram no mundo, ainda se encontram vivos.

2. CONHECER O HOMEM

Entre os temas de atualidade permanente, figura, com singular realce, a busca de um conhecimento melhor do próprio homem, sobre quem dizia, com propriedade, um poeta grego: de todas as coisas admiráveis da natureza, não conheço nenhuma tão admirável quanto o homem.

Alarga-se e aprofunda-se, de fato, o campo do seu estudo, que tanto já preocupava os grandes filósofos e teólogos da antiguidade e da Idade Média, nomeadamente PLATÃO, ARISTÓTELES e TOMÁS DE AQUINO. São inúmeras, em nossos dias, aquelas ciências que se ocupam do homem e da sociedade, afinal uma reunião de homens. Todas com métodos e técnicas que se aperfeiçoam constantemente. Seria longa a simples enumeração.

Ainda assim, famoso cirurgião e fisiologista francês, ALEXIS CARREL, escrevia, no ano de 1936, um livro que

se tornou famoso, significativamente intitulado "O HOMEM, ESSE DESCONHECIDO". Queixava-se CARREL de que o número enorme de dados recolhidos sobre o homem constituía um verdadeiro obstáculo à sua melhor utilização e acentuava que o homem conhecido pelos diferentes especialistas não é o homem real e concreto. Eis porque alguém dizia, com certa dose de malícia, que o especialista, presentemente, é aquele homem que sabe cada vez mais sobre cada vez menos, isto é, sobre um menor número de coisas...

Nestes ultimos anos, têm sido verdadeiramente surpreendentes os progressos realizados no conhecimento do homem, em seus mais diferentes aspectos, a partir da própria biologia molecular e descoberta do código genético, valendo também destacar as portentosas inovações na comunicação humana.

Muito embora tenha parecido, em 1954, a certa comissão do Congresso Norte Americano que se a natureza pode ser estudada cientificamente, não é possível fazê-lo com a natureza humana — e daí censurar ela os gastos, que considerava excessivos, com tais estudos, STUART CHASE, cientista social, sustentou, em contraposição, que se a natureza humana é, realmente, mais difícil de ser estudada do que a própria natureza, em si, entretanto, "o método científico é aplicável tanto ao homem, quanto ao mundo em que vive", o que é absolutamente certo.

Eis porque outro especialista adiantava que "grande parte do comportamento humano é perfeitamente previsível", exemplificando com um fato corriqueiro: se um motorista, numa auto-estrada, pode jogar cem vezes com a vida, no espaço de uma hora, é porque ele conta com a previsibilidade do comportamento humano, de que nenhum dos cem motoristas, vindos em direção oposta, a uma velocidade de 120 quilômetros por hora, decida, subitamente, desviar em frente do seu carro, chocando-se.

3. INTERVENÇÃO NA REALIDADE

Graças aos progressos notáveis das ciencias, inclusive das ciencias sociais, nós podemos, sem sombra de dúvida, intervir, consciente e deliberadamente, na realidade social e colocar, por exemplo, o desenvolvimento integral a serviço de cada homem e de todos os homens, de modo que, para usar uma expressão cara ao Papa PAULO VI, possa cada um *ter* mais, afim de poder *ser* mais.

Procedimento tanto mais necessário, quanto se sabe que pelo menos mais da metade, ou mesmo três quartas partes da humanidade se encontra em maior ou menor situação de miséria e de provação, realidade que constitui um foco de anta-

gonismos e de inquietações, além de importar em clamorosa injustiça, indigna da própria condição humana. Observa-se, a propósito, que esta é a lição tradicional da Igreja. SÃO TOMÁS DE AQUINO (1225-1274) já preconizava, como é sabido, "uma abundância suficiente de bens exteriores", até mesmo para uma vida honesta ou virtuosa.

Dessa necessidade de intervenção, para corrigir distorções e estimular o progresso, surgiram os planos, pelos quais se estabelecem os chamados "modêlos de desenvolvimento". Na expressão de MASSÊ, o plano consiste na articulação do *saber* e do *poder*, justamente onde o pensamento deixa de ser puro pensamento, mas onde a ação não é ainda senão um projeto. E a planificação, segundo TURIN, outro especialista, importa justamente em acionar o projeto, exigindo, pois, uma *vontade* e um *poder*. É, enfim, a passagem do pensamento à ação. Tanto mais importante e imprescindível, toda essa técnica, porque, em pleno século XX, já não podemos esperar que meros hábitos, que simples herança cultural, sejam capazes de trazer as mudanças urgentes, que reclamam as sociedades tradicionais e atrasadas.

Se as taxas de mortalidade infantil no Rio Grande do Norte, por exemplo, como noutros Estados do Nordeste brasileiro, ultrapassam de muito a casas da normalidade, se a distribuição da renda, no Brasil, nas áreas rurais e urbanas, deixa muito a desejar, se a imigração da mão de obra não qualificada para as grandes cidades é incontrolável e causa grandes transtornos, se a monocultura da cana-de-açúcar, ou do cacau, apresentam sérios e conhecidos problemas, se o índice de analfabetismo ainda nos confrange, se a credence ingenua e a vivência num mundo mágico são tão comuns, tudo isto, embora acarrete reflexos negativos imediatos e mediatos em toda a vida nacional e agrave bastante a qualidade dos recursos humanos, de que tanto precisamos, não é motivo para desanimos, para derrotismos ou explorações, mas, ao contrário, para uma luta consciente, planejada, destinada a saná-los, e mais ainda, a integrar todos no processo de desenvolvimento, como elementos ativos participantes e não meramente passivos.

Todas as deficiências decorrentes do subdesenvolvimento, apontadas por tantos especialistas e acentuadas, com veemência incisiva, por PAULO VI, na sua encíclica "Populorum Progressio", têm, como sabemos, repercussão direta e indireta nos importantes problemas de segurança nacional. Por isso mesmo a sua correção fará parte dos grandes objetivos nacionais e dos mais legítimos interesses e aspirações nacionais.

4. RITMOS DIVERSIFICADOS

O mais difícil, como observa o sociólogo L. A. COSTA PINTO, é que as partes de uma estrutura social não se transformam sincrônica e mente; o desenvolvimento não se processa de maneira simétrica. Nos pontos de ruptura, nas brechas abertas pelo ritmo diverso de transformação das diferentes partes, emergem as contradições, as assimetrias, os círculos viciosos, em suma, os problemas, as tensões e a crise de estrutura.

Daí porque, observa o mesmo professor, uma sociedade substitui mais facilmente uma máquina do que uma norma, um princípio, uma atitude diante da vida.

Exemplifiquemos: Mesmo dispondo de tratores, em muitas fazendas, a mentalidade, os hábitos ancestrais não mudam com a mesma rapidez das inovações técnicas emergentes, inclusive entre os empregadores, porém mais ainda entre os empregados.

O processo de desenvolvimento econômico, por conseguinte, não constitui simplesmente uma operação técnica, mas "uma profunda experiência humana", e o desenvolvimento vai criando problemas que só mais desenvolvimento poderá resolver, ainda é a lição do mesmo sociólogo.

5. HOMEM, OBJETIVO FINAL

É preciso atentar em que todo processo de desenvolvimento equilibrado deve procurar, como objetivo final, o próprio homem, a sua promoção integral e isto não será possível se o chamado "recurso humano" deixar de corresponder às metas previstas ou, pior ainda, vier dificultar os esforços empreendidos.

Por outro lado, convém deixar bem claro, como demonstra DENIS GOULET, no seu livro "Ética do Desenvolvimento", que o esforço desenvolvimentista não é tarefa de um tipo isolado de especialista, seja ele engenheiro hidráulico, especialista fiscal, arquiteto ou urbanista, médico, economista, assistente social, planejador de cúpula, político, pesquisador, sociólogo, pedagogo, etc., pois nenhum deles é, por si só, o verdadeiro especialista do desenvolvimento. É que "o próprio fato de ser o desenvolvimento "o desenvolvimento do homem", envolve todas as zonas apresentadas pelo homem, se estende a todas as esferas da vida humana".

E eis porque, nessa denominada ótica sintética, DENIS GOULET preconiza a participação, também, do filósofo, "o especialista da não especialidade", que deve procurar a síntese, a visão de conjunto, a coordenação de tentativas diversas, a harmonização de pontos de vista opostos.

Por sua vez, o Papa Paulo VI, na Carta Apostólica

"Octogesima Adveniens", comemorativa dos 80 anos da "Rerum Novarum", defende a intervenção da Igreja estritamente no seu campo próprio, não para autenticar uma estrutura estabelecida, ou para propor um modelo "pré-fabricado", nem, ainda, para simplesmente recordar alguns princípios gerais da doutrina social católica. Sob a inspiração dos princípios básicos hauridos no Evangelho, recomenda o apelo à imaginação social, pois se o homem se deixar ultrapassar pelos problemas e não prever, a tempo e a hora, a emergência de novos problemas sociais, estes tornar-se-ão demasiado graves para poder esperar-se uma solução pacífica para eles.

Nestas condições, deveriam também ser convocados os teólogos, os especialistas na pastoral, na teologia das realidades terrestres.

Nem se diga que são veleidades de pessoas que de tanto falarem nas coisas eternas, têm falsa visão dos concretos processos científicos.

Um professor da Universidade de Pittsburg, JOHN T. HOWARD, estudando, em livro, "O Planejamento e a Comunidade Urbana", defende a necessidade de entregar-se a chefia da equipe de especialistas ou ao filósofo, ou ao pregador, justamente por sua visão sintética do problema.

6. SEGURANÇA E DESENVOLVIMENTO

De tudo quanto se expõe, fica bem evidenciada a razão por que a Escola Superior de Guerra acentua, com razão, em seus estudos, a interdependência, nos países em desenvolvimento, estes problemas de segurança e problemas de desenvolvimento, e mais, que eles estão intimamente ligados, visto reclamarem uma estratégia nacional, a exigir explicitações claras, no elenco dos objetivos nacionais, nas políticas de consecução, mesmo a despeito dos fatores adversos.

Numa conceituação síntese, foi dito pelos seus expositores que segurança nacional é "o grau relativo de garantia que, através de ações políticas, econômicas, psicossociais e militares, o Estado proporciona, em determinada época, à nação que jurisdiciona, para a consecução ou manutenção dos Objetivos Nacionais, a despeito de antagonismos ou pressões existentes ou potenciais".

Os objetivos nacionais enfrentam, todos sabemos, antagonismos tanto internos como externos. E a segurança interna demanda atitudes estratégicas de três ordens, preventiva, repressiva e operativa, sendo de destacar, face ao tema desta palestra, que versa sobre "O DESENVOLVIMENTO A SERVIÇO DO HOMEM", os problemas de natureza preventiva, os objetivos nacionais, sejam permanentes ou atuais.

Dentre esses objetivos, vale destacar os que se relacionam com a integração nacional, com o progresso, com a paz social, todos eles intimamente ligados à qualificação humana, aos chamados "recursos humanos", por outros intitulados impropriamente de "capital humano", os quais devem ser aproveitados ao máximo.

ALFRED SAUVY, no primeiro volume de sua "Teoria Geral de População", dedica o capítulo XXIII ao estudo do "custo de formação de um homem", matéria que já tem sido versada por grande número de renomados especialistas.

Seria um filão valioso a explorar nesta conferência, se houvesse tempo, observando-se como custa à coletividade a formação adequada de uma pessoa e quanto representam de prejuízo, de frustração, a mortalidade dos jovens, a desqualificação dos adultos, as doenças de massa, as consequências das secas, e assim por diante.

7. O MODELO BRASILEIRO

O modelo brasileiro de desenvolvimento, como acenou muito bem o Ministro Reis Veloso, em exposição feita perante a Comissão Mista do Congresso Nacional, a 13.10.71, quer uma interpenetração entre a revolução material, que se procura fazer no país, em termos de crescimento econômico e a revolução social e humana, que dá sentido àquela mesmo revolução material, preservando os valores humanos e culturais, mediante a construção de uma sociedade industrial nos trópicos, numa síntese entre a tecnologia e o humanismo moderno, fazendo chegar os resultados do progresso tecnológico às grandes massas, e visando à realização efetiva de uma democracia econômica, social, racial e política.

Na interpretação de LEBRET, adotada pela encíclica "Populorum Progressio", o desenvolvimento integral reclama a passagem de condições menos humanas para uma fase mais humana, portanto, mudanças mais qualitativas do que quantitativas, sem menosprezo destas últimas, obviamente, pois o crescimento econômico é indispensável.

8. NOSSOS RECURSOS HUMANOS

No caso do Brasil, grande porção do chamado "capital humano", que tantos depreciam ao máximo, por suas condições de saúde, analfabetismo, despreparo técnico, etc., oferece, no entanto, um lastro ou base positiva, sob certos aspectos, faltando-lhe, apenas, o estabelecimento de certas pré-condições.

Não vamos entrar aqui em apreciações sobre a personalidade de base do brasileiro, sua psicologia, suas qualidades e defeitos. Seria interessante, mas cansativo. Seja recorda-

da, apenas, a opinião do Pe. LEBRET sobre o nordestino, nos anos (1955), quando apresentou um estudo sobre o “DESENVOLVIMENTO E IMPLANTAÇÃO DE INDUSTRIAS, interessando a Pernambuco e ao Nordeste”. Proclamou o bem informado especialista que além de se adaptarem facilmente às atividades modernas, “as qualidades humanas do nordestino são excepcionais. Falamos de qualidades humanas profundas e não de qualidades biológicas, porque a sub-alimentação impede o corpo de dar tudo o que ele poderia dar, mas a seleção que é feita na base, faz, ainda assim, dosque restam, pessoas surpreendentes”.

Eis aí como é digna dos melhores aplausos a política de integração nacional e de integração social, de elevação do nível de vida, de promoção e de estabilização social, que vem sendo gradualmente empreendida pelo Governo Brasileiro, nas áreas urbanas e rurais, destacando-se o MOBRAL, o PRO-TERRA, o PRO-RURAL, o PASEP, o PIS, além de outras iniciativas, tipo Transamazônica ou política habitacional.

Há defeitos, há deficiências, mas o Governo procura corrigi-las.

Não vamos analisar o papel decisivo da educação no processo do desenvolvimento e na promoção humana, de um modo geral. Muitos já o fizeram de maneira convincente. Sem ela, o desenvolvimento não se colocaria a serviço dos homens todos, mas de alguns apenas, mais felizes, nem seria possível uma verdadeira democracia, nem a distribuição equitativa da riqueza, tão ligada á melhor capacitação de cada um.

Teríamos, isto sim, agravado no Brasil o que já se chamou de “poluição da pobreza”, o quarto mundo dos marginalizados, dos desempregados, para os quais o desenvolvimento importaria, antes, num agravamento da situação, pelo maior distanciamento social e econômico.

9. EXEMPLO DO BRASIL

Eis porque, ainda agora, DAVID LILIENTHAL, homem que se tornou famoso pela sua vitoriosa experiência no Vale do Tennessee, dirigindo a TVA, publica no “Estado de São Paulo” de 21 de janeiro deste ano de 1973, que o objetivo básico, fundamental, do desenvolvimento e do crescimento não é econômico, mas humanístico. Desta forma, diz ele, “deve-se julgar se o crescimento e o desenvolvimento são bons ou maus, pelo efeito que exercem sobre o bem-estar dos indivíduos, dos seres humanos”.

Estes, meus senhores e senhoras, são os rumos e propósitos do Brasil atual. Ele procura crescer na ordem de 10%

ao ano, mas sem esquecer os problemas básicos do homem, numa luta dura e decidida.

Esforço grande, difícil, que é por isso mesmo apontado por DAVID LILIENTHAL, no estudo já referido, como "o exemplo mais espetacular de crescimento e expansão em todo o mundo". Esforço que ele compara à integração do Oeste americano, com uma diferença a nosso favor. É que o Brasil está realizando a sua integração nacional no espaço de uma década, objetivo que levou nos Estados Unidos mais de um século. Daí porque, no seu dizer, têm os Estados Unidos muito o que aprender com a aventura brasileira de harmonizar o crescimento com as necessidades e aspirações humanas.

10. CONCLUSÕES

Para terminar, nada poderíamos apresentar de melhor, à guisa de conclusão, do que os valiosos ensinamentos do n.º 64 da famosa Constituição Pastoral "GAUDIUM ET SPES", do Concílio Vaticano II, que assim dizem:

"Hoje, mais do que antes, atendendo-se ao aumento da população e às crescentes aspirações da humanidade, procura-se com razão incrementar a produção de bens agrícolas, industriais, e o volume de serviços prestados. Por isso, deve-se encorajar o progresso técnico, o espírito de renovação, a criação e a ampliação de empresas, a adaptação dos métodos de produção, os diligentes esforços de todos os que participam nos setores produtivos, enfim, todos os elementos que possam contribuir a este progresso. A finalidade fundamental desta produção não é o mero aumento dos produtos, nem o lucro ou a dominação, mas o serviço do homem e do homem completo, atendida a hierarquia das suas necessidades materiais e a das exigências de sua vida intelectual, moral, espiritual e religiosa; de todo homem, dizemos, de qualquer comunidade humana, sem distinção de raça ou região do mundo."

BIBLIOGRAFIA

- CHASE, Stuart. **Introdução às ciências sociais**, USAID-Rio, 1964.
- CARREL, Alexis. **L'homme, cet inconnu**. Lib. Plon-Paris, 1935.
- PINTO, L. A. Costa e BAZZANELLA, W. **Teoria do desenvolvimento social**. Zahar. Rio, 1967.
- MYRDAL, Gunnar. **Subdesenvolvimento**. Editora de Brasília. Brasília, 1970.
- VIAU, P. (coordenador). **Démocratie, planification, aménagement**. Editions Ouvrières. Paris, 1964.
- GOULET, DENIS A. **Ética do desenvolvimento**. Duas Cidades. São Paulo, s/d.
- PAULO VI — **Cara Encíclica 'Popularum Progressio'**. Editora Vozes, Ltda. Petropolis, 6a. edição, 1971.
- PAULO VI — **Carta Apostólica "Octogesima Adveniens"** — Editora Vozes Ltda. Petropolis, 2a. edição, 1971.
- ASSEMBLEIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS — **A justiça no mundo**. Editora Vozes, Ltda. Petropolis, 1972.
- TURIN, Laurent. **Combat pour le developpement**. Editions Ouvrières, Paris, 1965.
- ALEXANDER, Robert J. **O abc do desenvolvimento econômico**. Editora Fundo de Cultura, Rio, 1965.
- LEBRET, Louis Joseph. **Estudo sobre desenvolvimento e implantação de indústrias, interessando a Pernamubco e ao Nordeste**. CODEPE Recife, 1955.
- LILIENTHAL, David. E. **O crescimento e as sombras do negativismo** (artigo). O Estado de São Paulo, 21 de janeiro de 1973.
- JANSEN, Rosalvo Eduardo e outros. **Política nacional de desenvolvimento**. Conferencia proferida na ESG em 18 março 71. Edição ADESG, RN, 1971.
- VIDAL, Germano Seidl e outros. **Segurança nacional**. Conferência proferida na ESG, 8 abril 71. Edição da ADESG-RN 1971.
- DUARTE, Arnaldo Rodrigues. **Segurança interna**. ADESG-RN 1971.
- CARVALHO, Ferdinando de e outros. **Objetivos nacionais permanentes**. Conferência na ESG, em 25 mar 71. Edição da ADESG-RN — 71.
- SAUVY, Alfred. **La théorie générale de la population**. Vol. I — Presses Universitaires de France, Paris, 1952.



Trabalhos gráficos executados pela Imprensa Universitária do Rio Grande do Norte, sendo Reitor da Universidade o Professor Genário Alves Fonseca e Diretor da Imprensa o Professor Geraldo Batista de Araújo. Terminou-se de imprimir em fevereiro de 1973.



F000182